



## GEOGRAFIA CULTURAL: REFLEXÕES SOBRE O ESTUDO DO ESPAÇO URBANO

Lindinalva de Queiroz Santos\*  
Ricardo Rios Bahia\*\*

**RESUMO:** *A Geografia Cultural, como subcampo da Geografia, tem se destacado nos últimos anos como um viés riquíssimo de investigação do espaço geográfico, buscando entender como se dão as interações entre o homem e os espaços em que freqüentam e estabelecem representações simbólicas e extremamente significativas. Com esse intuito, revela-se um caráter subjetivo da análise geográfica que, durante muito tempo, ficou circunscrita a elucidações que giravam em torno do político e do econômico, ampliando o leque de possibilidades de investigação ao geógrafo. Diante dessas prerrogativas, este artigo surge como uma proposta de trazer um resgate da Geografia Cultural, a fim de compreender seu processo de sistematização e evidenciar os principais autores, assim como a evolução dos conceitos, métodos e formas de investigar o espaço geográfico nessa ótica cultural. Para realização dos objetivos foi realizado um estudo bibliográfico, objetivando tecer um diálogo entre os autores que trabalham na área da Geografia Cultural, além das discussões sobre espaço urbano, numa intermediação com o que se pretende investigar. A partir daí, entendendo a cultura através das manifestações do cotidiano e percebendo a sua influência na valorização do espaço como espaço vivido, lugar, no qual as pessoas desenvolvem os mais diversos usos, buscar-se-á investigar, fundamentando-se na perspectiva dos significados e na fenomenologia, as possíveis alterações dos significados atribuídos pelos que vivem o espaço urbano.*

**Palavras-chave:** Geografia Cultural; Espaço urbano; Significados.

### REFLEXÕES INICIAIS

É sabido que a ciência geográfica, desde os primórdios de sua existência dedicou-se ao estudo da relação homem-meio, embora a maneira pela qual procedeu tal estudo não tenha seguido sempre um mesmo viés, uma vez que o conhecimento e os seus suportes metodológicos foram mudando para que conseguisse uma análise mais profícua do espaço geográfico em constante transformação, onde as relações homem-meio atingiam sempre nuances diferentes em cada contexto histórico-geográfico.

Mediante essa evolução/construção do conhecimento ao longo do tempo, é que a Geografia atualmente é caracterizada por um cabedal de subcampos que trazem diversas possibilidades de análises do espaço geográfico. Em especial, se pretenderá trazer algumas elucidações sobre um desses subcampos – a Geografia Cultural – que vem se destacando nas últimas décadas como uma possibilidade inovadora e rica da análise geográfica.

Nesse contexto, destaca-se como principais construções as propostas de Sauer e seus discípulos na Escola de Berkeley, no que se denominou Geografia Cultural Tradicional e as propostas da Geografia Cultural Renovada que, de acordo com as transformações às quais o

---

\* Graduanda em Geografia pela Universidade do Estado da Bahia /Campus XI. E-mail: lindy.qs@hotmail.com – Autora.

\*\* Mestre em Geografia pela Universidade Federal da Bahia. Professor do curso de Geografia da Universidade do Estado da Bahia/ Departamento de Educação – Campus XI. E-mail: rbrios@uneb.br – Orientador.



espaço vinha passando, foi de encontro às proposições de Sauer – principalmente com as contribuições de teóricos como Cosgrove; Jackson (2000), Tuan (1983), entre tantos outros – ampliou o leque de possibilidades das análises empreendidas em relação à cultura e à análise do espaço geográfico.

Dentro das novas potencialidades/possibilidades de estudo da Geografia Cultural Renovada, destaca-se a cidade, compreendida como o locus por excelência onde se dão as relações sociais entre os cidadãos e os seus espaços de vida, se configurando num todo interligado, representado pelas formas construídas e pelas relações sociais que se dão sobre, por e através destas, sendo, por conta disso, extremamente fértil ao que os estudos contemporâneos da Geografia Cultural pretendem abarcar.

Dessa forma, levanta-se o fato de que os sujeitos, ao habitarem/freqüentarem/usarem os espaços da cidade, no desenrolar das suas práticas sociais e cotidianas, acabam dotando-os de significados, tornando-os referências importantes para suas vidas.

A relevância desse estudo, assim, é pautada em alguns pontos. Primeiro, contribuir para a construção de um quadro teórico de análise do espaço geográfico, sob a ótica a Geografia Cultural, perspectiva que vem se destacando de forma ainda incipiente, principalmente entre os geógrafos brasileiros, como apontam Corrêa e Rosendahl (2007). Segundo, trazer a possibilidade de analisar o espaço urbano sob o viés cultural, e, por fim, o presente artigo tem como objetivo constituir-se como subsídio para futuras análises, a título de buscar enriquecer cada vez mais a compreensão do espaço geográfico em que vivemos e ajudamos a (re)construir nas suas mais variadas facetas.

Para efetivação da proposta em questão foi realizado um estudo bibliográfico, como o objetivo de dialogar com os autores que trabalham com as temáticas abordadas. Foram levantadas informações sobre os elementos norteadores da pesquisa, buscando compreender as diversas abordagens, teorias, conceitos que serão discutidos, estando dentre eles: espaços públicos, cultura, lugar, significado, entre outros, sendo que a busca por compreendê-los se pautou, principalmente, nas contribuições de Corrêa e Rosendahl (2007), Claval (2007), McDowell (1996), Lopes (2008), Corrêa (2007) e Serpa (2007).

## **CONSIDERAÇÕES SOBRE A GEOGRAFIA CULTURAL**

A despeito do curto período de sistematização (fins do século XIX) como campo científico do saber, a Geografia sempre foi/é marcada por um enorme cabedal de discussões que buscaram/buscam encontrar formas de se proceder uma análise sobre a relação homem-meio na configuração do espaço geográfico, definido, também, depois de inúmeros embates, como o seu objeto de estudo. Investindo nessa tentativa, a Geografia, de acordo com cada contexto histórico-social e com distintas bases teórico-metodológicas, engendrou-se por caminhos que buscaram analisar o espaço ora dando foco às determinações ou possibilidades do meio, (Geografia Tradicional); ora num viés mais renovado da ciência em questão, dando ênfase aos processos quantitativos e mensuráveis do espaço; ou ao modo de produção capitalista; e/ou ainda numa ótica mais recente de análise, na chamada Geografia Cultural, trazendo à análise geográfica um caráter mais subjetivo, humano, que busca ultrapassar análises meramente econômicas e políticas, dando vez, assim, na relação homem-meio, a o que é subjetivo, ao sentimento de



pertencimento, identidade e sentido que se dá a um determinado espaço, por meio das relações cotidianas que as pessoas estabelecem com este, relações que são, por sua vez, ricas, complexas e instigantes. É sobre essa parte da Geografia que se tecerá alguns comentários.

Para início de conversa, cabe aqui fazer um retrospecto das principais abordagens tecidas no âmbito da Geografia Cultural, a qual, segundo nos afirma Corrêa e Rosendahl (2007, p. 9), “mostra-se como um significativo subcampo da geografia, que a partir da Europa difundiu-se e já tem um século de existência”, levantando seus principais contribuintes e, deixando claro que cada abordagem situa-se em um contexto sócio-histórico-cultural, uma vez que “o conhecimento é elaborado socialmente e é temporalmente específico” (MCDOWELL, 1996, p. 163).

Seguindo essa lógica, Claval (2007) traça um amplo panorama, mostrando como os aspectos culturais foram alvo de interesse desde os tempos mais remotos, onde os geógrafos se questionavam a respeito da grande diversidade dos povos e de suas culturas. Aponta, a partir daí os primórdios da Geografia Cultural surgida na Europa, onde o termo fora utilizado pela primeira vez pelo alemão Friedrich Ratzel que traz as primeiras nuances, ainda tímidas, das futuras análises da Geografia Cultural, mostrando “as relações que os homens tecem com seu ambiente” (CLAVAL, 2007, p. 24) e evidenciando como as técnicas e o conjunto de utensílios e *know-how* (cultura) variavam de acordo com os diferentes locais da superfície da terra, merecendo a atenção dos geógrafos. Para ele “o estudo do geográfico da cultura confundia-se com o dos artefatos utilizados pelos homens para dominar o espaço” (CLAVAL, 2007, p. 25).

Na Alemanha, além de Ratzel, Claval (2007) também destaca também Otto Schlüter, o qual considerava a marca que os homens impõem na paisagem como o objeto fundamental de todas as pesquisas geográficas, que deviam, segundo ele, buscar apreender a organização e a gênese daquilo que denomina de paisagem cultural, através do método descritivo. Só a título de lembrete, alguns outros alemães (August Meitsen, Eduard Hahn, Siegfried Passarge, entre outros) contribuíram também para as primeiras formulações dentro dessa ótica que buscava compreender a diversidade dos espaços construídos pelos diversos grupos humanos, não cabendo aqui fazer maiores comentários.

Na Geografia francesa, por sua vez, quem se destaca é Paul Vidal de La Blache, que vai buscar entender a relação homem-meio como uma unidade, assim como propunha Ratzel, diferenciando-se deste por não considerar a natureza como determinante das ações do homem, mas sim como dotada de possibilidades que estes podem usufruir, ressaltando a ação construtora do homem. Para ele, “a cultura [...] se apreende através dos instrumentos que as sociedades utilizam e das paisagens que modelam” (CLAVAL, 2007, p. 33), construindo o que ele denomina de “gêneros de vida”, a base para a compreensão de como se dá essa relação entre o homem e o meio no qual vive. Para La Blache, a cultura é ainda “aquilo que se interpõe entre o homem e o meio e humaniza as paisagens. Mas é também uma estrutura geralmente estável de comportamentos que interessa descrever e explicar” (CLAVAL, 2007, p. 35).

Por essa lógica expressa por La Blache fica clara a interpretação que se tem da cultura como algo exterior ao indivíduo, modelando as suas ações num determinado meio e sendo compreendida apenas pela descrição dos artefatos construídos pelos homens nas paisagens.

A respeito da dimensão cultural existente na análise da sociedade na Europa, nas abordagens tecidas anteriormente, concordamos com Corrêa e Rosendahl (2007, p. 10), quando



estes afirmam que “a paisagem cultural centralizava o interesse pela cultura a partir do fato de ela ser entendida como o resultado da ação humana alterando a paisagem natural”.

Ainda assim, apesar da influência alemã e francesa, “foi nos Estados Unidos, contudo, que a geografia cultural ganhou plena identidade, graças às obras de Carl Sauer e de seus discípulos [...]” (CORRÊA; ROSENDAHL, 2007, p. 10), que originaram a “denominada Escola de Berkeley que se caracterizou no seu início, na segunda metade da década de 1920, por sua reação ao determinismo ambiental” (CORRÊA, 2005, p. 288).

As abordagens de Sauer, baseadas no historicismo, revelam seus principais interesses que “residiam na maneira como as pessoas deixaram sua marca na paisagem por intermédio de suas atividades produtivas e os seus assentamentos” (MCDOWELL, 1996, p. 162), de modo que chegou a propor e considerar a paisagem como a unidade conceitual da Geografia. Para compreender tais marcas deixadas na paisagem, Sauer se pautou na análise de sociedades tradicionais, valorizando o passado em detrimento do presente e “pouco reportando-se às sociedades urbano-industriais” (CORRÊA; ROSENDAHL, 2007, p. 10). Por esse viés de investigação, que enfatizava o passado, Sauer negava a introdução de novos artefatos, acabando por negar, também, a existência de conflitos sobre a produção dos artefatos culturais, colocando os indivíduos como passivos em todo esse processo.

Assim, segundo críticas empreendidas pela corrente de renovação da Geografia Cultural, “a formação da paisagem não é atribuída a tomadores de decisão humanos, mas à [...] cultura como se fosse uma abstração” (MCDOWELL, 1996, p. 162). A cultura, pela ótica de Sauer, seria superorgânica, sendo:

[...] concebida como algo exterior aos indivíduos de um dado grupo social; sua internalização se faz por mecanismos de condicionamento, gerador de hábitos, entendidos como cultura. [...] Nesta visão de cultura não havia conflitos, predominando o consenso e a homogeneidade cultural. [E,] nesta perspectiva, os processos de mudança se realizariam a partir de forças externas, por intermédio do processo de difusão e inovações e não em função de contradições (CORRÊA; ROSENDAHL, 2007, p. 11).

Os postulados de Sauer e seus discípulos desenvolvidos na Escola de Berkeley até então discutidos e apresentados se configuram no que foi denominado de Geografia Cultural Tradicional. Suas idéias foram ferrenhamente criticadas, principalmente a partir da década de 1970, período no qual começaram a surgir novas abordagens no campo da Geografia Cultural. As críticas fundamentaram-se, principalmente, na forma como Sauer e seus discípulos encaravam a cultura como supraorgânica, determinante da ação humana; consideraram também as suas obras como atóricas, além de se atentarem para o fato de eles não levarem em conta as estruturas econômicas, sociais e políticas, não considerando também como as práticas culturais refletem, reforçam e/ou chegam a desafiar os padrões e normas culturais (MCDOWELL, 1996).

A decadência das abordagens da Escola de Berkeley se dá de forma extremamente ligada às mudanças que se passavam no contexto histórico-social. Assim,

[...] com a intensificação da mundialização com o progresso das técnicas, lutas sociais e diversificação do cotidiano, estas abordagens perderam seu prestígio, pois descrever e relatar às culturas ignorando as representações, os signos, as



crenças e subjetividades soava destoante com as [novas] tendências [...] (CLAVAL, 1999 *apud* LOPES, 2008, p. 03).

Por esse viés, a Geografia Cultural passa por um processo de renovação, introduzindo novos temas, novas abordagens e novas propostas de análise do espaço que atendessem à sua constante transformação, num contexto em que as práticas globalizantes começavam a se fazer presentes, mostrando que o que existe em cada local não tem ligação intrínseca somente com ele, mas que é influenciado por fatores externos também.

Claval (2007) nos mostra que, diante desse contexto, surge a idéia de uniformização do mundo, que vai de encontro à tendência presente na Geografia Cultural tradicional de explicar e descrever a diversidade das sociedades, cada uma com seu aparato tecnológico específico, isso se configurando numa nova inquietação dos geógrafos culturais que, inclusive levaram em consideração o fim da Geografia Cultural, o que obviamente não aconteceu, mediante o fato de que novos caminhos começaram a ser trilhados, orientando os estudos em busca de compreender as representações, a subjetividade, os significados existentes na relação homem-meio, a despeito de as técnicas, antes específicas de cada tipo de sociedade, terem se tornado “demasiadamente uniformes para deter a atenção” (CLAVAL, 2007, p. 50).

Dessa forma, num novo contexto onde o movimento de vanguarda passa a ansiar pela redefinição de novos padrões sociais, onde a metrópole surge, trazendo consigo uma gama enorme de relações a serem investigadas, seja nas novas paisagens, relações espaciais e sociais, almeja-se novas maneiras de compreender toda essa transformação, marcada também por novas percepções e representações do espaço geográfico.

Por essa ótica, “o processo de renovação se fez no contexto de valorização da cultura, a denominada ‘virada cultural’” (CORRÊA; ROSENDAHL, 2007, p. 12), processo no qual diversas influências de fizeram presentes:

[...] de um lado, a própria tradição saueriana e o legado vidaliano. De outro, a influência das filosofias do significado, especialmente a fenomenologia, e do denominado materialismo cultural [...]. [além de] um grande relacionamento com as humanidades [que] em geral enriqueceu a geografia cultural (*op. cit.*).

Diversos nomes como Cosgrove (2000), Jackson (2000), Duncan (2000), entre outros, vêm contribuir para essa guinada da Geografia Cultural, ampliando os horizontes de análise, propondo que se adentre no universo do cotidiano, nas práticas sociais, valorizando-se a ação do indivíduo nesse contexto. A partir dessa nova tela de possibilidades

[...] um conceito de cultura mais flexível e complexo que coubesse a visão geográfica estava por ser moldado nas rodas dos debates científicos. Nessas rodas, a geografia cultural renovada começava a se estabelecer, impregnada pelas filosofias existencialistas, do significado, e pela geografia crítica e humanística (LOPES, 2008, p. 04).

Uma característica extremamente clara desse novo conceito de cultura empreendido na Geografia Cultural é o fato de se valorizar a ação humana na (re)construção dos seus atributos sejam estes técnicos, materiais, valorativos e subjetivos, característicos de suas culturas. Perde-se a idéia de cultura como algo externo ao homem, determinando suas ações, para algo construído



nas imediações da sua vida, por meio do contato existente com a família, outros indivíduos e com seu meio. Isso pode ser melhor evidenciado pelo que nos mostra Corrêa (2007, p. 169), quando diz que a

cultura não deve ser vista como independente das condições materiais de existência [...]. Não pode ser concebida como mero reflexo dessas condições, uma 'superestrutura' determinada pela 'base' econômica. A cultura constitui-se em 'parte ativa e integral das condições sociais de existência' [...] e como tal, é simultaneamente reflexo, mediação e condição social.

Sendo assim, a

cultura diz respeito às coisas correntes, comuns [...] apreendidas na vida cotidiana, no seio da família e no ambiente local. [...] as idéias, habilidades, linguagem, relações em geral, propósitos e significados comuns a um dado grupo social [que] são elaborados e reelaborados a partir da experiência, contatos e descobertas (WILLIAMS, 1997 apud CORRÊA, 2007, p. 169-170).

Claval (2007) vem colaborar com essa visão de cultura distante dos postulados americanos introduzidos por Sauer, deixando evidente que esta não é um conjunto fechado e imutável de técnicas e comportamentos, mas sim “a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, numa outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte” (CLAVAL, 2007, p. 63), sendo, portanto, uma herança transmitida de uma geração a outra, por meio da comunicação oral e/ou gestual existente nos contatos com a família e nos círculos de convivência e sociabilidade dos indivíduos, mostrando também a influência da escrita, da imagem icnográfica, da música, do desenho e das novas mídias que tornam-se no mundo contemporâneo um importante difusor de culturas e hábitos culturais.

Dessa forma, desvelar a cultura de um determinado grupo, entendendo-a com base nos alicerces teóricos supracitados, se torna para o geógrafo uma fonte inesgotável, complexa e rica para que se conheça e compreenda as relações entre estes e os seus espaços, relações que vão estar intimamente ligadas ao sistema de valores e usos difundidos em cada grupo social, uma vez que “a ação humana, normatizada e canalizada pela cultura, supõe memorização de esquemas de condutas, atitudes, práticas e conhecimentos, sendo muitas as formas que revestem a memória” (CLAVAL, 2007, p. 84), orientando, assim, as pessoas a uma prática que mantém um traço comum, que estabelece e define de qual cultura pertencem, já que “os parceiros devem se sentir pertencentes a um mesmo grupo, sendo responsáveis e solidários (CLAVAL, 2007, p. 113)”. É evidente a idéia de cultura surgida

[...] da capacidade de os seres humanos se comunicarem entre si por meio de símbolos. Quando as pessoas parecem pensar e agir similarmente, elas o fazem porque vivem, trabalham e conversam juntas, aprendem com os mesmos companheiros e mestres, tagarelam sobre os mesmos acontecimentos, questões e personalidades, observam ao seu redor, atribuem o mesmo significado aos objetos feitos pelo homem, participam dos mesmos rituais e recordam o mesmo passado (WAGNER; MIKESELL, 2007, p. 29).



A despeito disso, é notório que do contato dessas pessoas com seus diversos espaços possam surgir diversas outras práticas, usos que vão dotá-los de diferentes significados e sentidos, conforme a experiência de cada um, uma vez que como nos lembra pertinentemente Claval (2007, p. 86), “a cultura nos é transmitida, mas não nos condena à reprodução indefinida de enunciados já estabelecidos, de atitudes recebidas”. As possibilidades de relações entre as pessoas e os seus espaços, dentro da lógica de análise da Geografia Cultural, em especial das novas propostas, são infinitas, amplas e complexas de serem evidenciadas, mediante o caráter subjetivo imbuído em cada contexto. O fato de a cultura ser resultado de práticas tão cotidianamente observáveis, como o ato de tagarelar, conversar, trabalhar, conviver juntos, reconhecendo símbolos, valores e práticas comuns coletivas, além dos usos e sentidos individuais que são atribuídos aos espaços vividos, revela o quanto suas discussões se afastam de uma entidade externa e dominadora das ações dos homens, passando a surgir intrinsecamente relacionada ao viver e às ações destes.

Nessa perspectiva, é colocado à disposição do geógrafo enormes possibilidades de relações às quais podem passar despercebidas, ou parecerem banais, triviais, sendo que ocultam prática sociais, comportamentos e uma diversidade de usos de espaços que adquirem a conotação de espaços-vividos, de lugar, entendido por Yi-Fu Tuan (1983 *apud* PAULA, 2008) como o espaço em que se estabelece uma vivência contínua, um conhecimento experiencial, dado pela pausa num determinado espaço. Assim, como sugere Silva (2008),

[...] o significado do lugar está associado ao fato de ser um ponto de encontro, e uma referência espacial para as relações que podem ser cotidianas de vizinhança, encontros eventuais, encontros programados, cursos e palestras e deve ser espaço de agregação sócio-espacial de variados grupos sociais em suas mais diversas características (SILVA, 2008, p. 06).

Dessa forma, “o espaço cultural é feito para quem participa, sejam os moradores do entorno, que participam como espectadores do espaço cultural [...] [sendo que] o importante é sempre ocupar o lugar, para o mesmo ter significado” (SILVA, 2008, p. 6).

Corroborando com isso, Claval (2007, p. 55) afirma que “os lugares não têm somente uma forma e uma cor, uma racionalidade funcional e econômica. Eles estão carregados de sentido para aqueles que os habitam ou que os frequentam”.

É diante desse contexto que “a geografia cultural é atualmente uma das mais excitantes áreas de trabalho geográfico” (MCDOWELL, 1996, p. 159), uma vez que autoriza os estudos geográficos a se desprenderem de análises meramente econômicas e políticas, abrindo um amplo leque de possibilidades de se investigar as relações empreendidas pelos sujeitos e seus espaços, valorizando e dando vez aos sentimentos de pertencimento, à construção de significados, identidade, levantando também o fato de como a destruição de certos espaços, considerados lugares, para quem os habita, experiência e vive concretamente, afeta as pessoas, gerando a perda de referências, de forma que se passa a considerar também nesse estudo o papel da memória e das recordações.

## **O espaço urbano sobre a ótica da geografia cultural**



Diante das enormes possibilidades, seja em escala espacial ou temporal, de análise do espaço geográfico sob o viés da Geografia Cultural, uma em especial vem se destacando, referente ao espaço urbano que, “em sua diversidade e complexidade, em sua singularidade e sofisticação, permitiu novas formas de expressão e maneiras de viver que eram desconhecidas nos assentamentos mais tradicionais” (MCDOWELL, 1996, p. 166), constituindo-se num dos estudos que os geógrafos culturais estão se voltando com grande intensidade, na intenção de compreender questões acerca de identidade, significado e imaginação.

A Geografia Cultural, quando trata do cotidiano, das relações de pertencimento, significado, espaço vivido, mostra a cidade expressa numa grande variedade de formas – igrejas, escolas, praças, comércios – que, quando utilizadas, experienciadas pelas pessoas nos seus “fazeres cotidianos” acabam tornando-se palco de momentos memoráveis, simples e, ao mesmo tempo, excepcionais a cada um que o viveu, estabelecendo uma ligação estreita com esses espaços que se tornam lugares e imprimindo-lhes valores, significados, relações de pertencimento e identidade. Assim, na cidade como em qualquer outro espaço, “as relações que os indivíduos estabelecem com os outros lugares que dão um sentido à sua vida dão origem a comportamentos relativos ao espaço que nenhuma análise funcional pode dar conta” (CLAVAL, 2007, p. 153), cabendo à análise da Geografia Cultural a eminente tarefa.

Tendo isso em tela, de acordo com as acepções que se levantou sobre cultura, como algo construído a partir da comunicação e do viver comum entre os indivíduos de uma dada sociedade, transmitindo valores e práticas que podem – ou não – ser contestadas, muitos dos espaços que compõem a cidade, sejam públicos ou privados, encerram em si usos e práticas que são transmitidas por gerações, às vezes assimiladas pelos indivíduos de forma até inconsciente, dado ao caráter de normalidade que se transformou tais usos e práticas. Isso, entretanto, não é algo que se dá de forma absoluta e imutável, visto o fato de que os homens são extremamente instáveis, vivendo constantemente uma enorme gama de relações entre eles e com o seu entorno, gerando possibilidades de se criarem usos individuais para tais espaços, dotando-os, assim, de significados que variam em cada contexto.

Dessa forma, as diversas possibilidades da vida cotidiana na cidade, considerada como uma construção social, seja a fuga de um ladrão num beco, um encontro numa praça, um jogo perdido numa quadra esportiva, a queda de um banco na igreja, podem se constituir em práticas que dotam esses espaços de diversos e individuais significados. O espaço, assim, atrelado à vivência e às práticas sociais se torna lugar e passa a ser extremamente importante para as pessoas que o consideram de tal forma.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A (re)construção dos postulados da Geografia Cultural, assim como qualquer outro subcampo da Geografia, perpassou por diversos debates teórico-metodológicos que orientaram as formas, os métodos, conceitos e teorias pelos quais se analisaria o espaço geográfico. Diante das mudanças ocorridas no seio da sociedade, a cultura, conceito cerne na discussão empreendida pelos geógrafos que seguiam a linha cultural, sofreu transformações, dissociando-se de uma visão que a enxergava como algo superorgânico, imposto de cima para baixo aos indivíduos, passando a ser vista como algo que emana das vivências cotidianas dos sujeitos com seus espaços vividos e experienciados.



Partindo desse princípio, considera-se o espaço urbano, nos seus mais diversos espaços, como palco de uma gama de relações entre os que o vivem, usam e freqüentam nas suas práticas cotidianas, atribuindo-lhes significados e sentidos, numa gama de relações complexas, subjetivas e extremamente instigantes, suscitando uma enorme variedade de estudos aos geógrafos que desejem embrenhar-se pela trilha da Geografia Cultural.

## REFERÊNCIAS

CLAVAL, P. **A Geografia Cultural**. 3. ed. Florianópolis: UFSC, 2007.

CORRÊA, R. L. A Dimensão Cultural do Espaço: Alguns temas. In: \_\_\_\_\_. **Trajetórias Geográficas**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

\_\_\_\_\_. A Geografia Cultural e o Urbano. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. **Introdução à Geografia Cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. **Introdução à Geografia Cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

COSGROVE, D.; JACKSON, P. Novos Rumos da Geografia Cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org). **Geografia Cultural: Um Século**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2000.

DUNCAN, J. Após a Gerra Civil: reconstruindo a Geografia Cultural como Heterotopia. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org). **Geografia Cultural: Um Século**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2000.

LOPES, P. F. B. Geografia Cultural: a abordagem cultural na análise espacial. In: **Anais do XV Encontro Nacional de Geógrafos**. São Paulo: USP, 2008, p. 01-15.

MCDOWELL, L. A transformação da geografia cultural. In: GREGORY, Derek; MARTIN, Ron; SMITH, Graham (org). **Geografia humana: sociedade, espaço e ciência social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

PAULA, F. C. de. Bairro enquanto Fenômeno Vivido. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS: O ESPAÇO NÃO PÁRA. POR UMA AGB EM MOVIMENTO, 15, 2008, São Paulo. **Anais do XV Encontro Nacional de Geógrafos**. São Paulo: USP, 2008, p. 01-16.

SERPA, A. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2007.

SILVA, S. I. da. Espaços Culturais na Região da M'Boi Mirim - Zona Sul, SP - Considerações sobre o cotidiano e a construção da identidade local (Lugar). In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS: O ESPAÇO NÃO PÁRA. POR UMA AGB EM MOVIMENTO, 15, 2008, São Paulo. **Anais do XV Encontro Nacional de Geógrafos**. São Paulo: USP, 2008, p. 01-09.

TUAN, Y.F. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.



**XII SEMOC** SEMANA DE  
MOBILIZAÇÃO  
CIENTÍFICA  
SEGURANÇA: A PAZ É FRUTO DA JUSTIÇA



WAGNER, P. L.; MIKESELL, M. W. Os Temas da Geografia Cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. **Introdução à Geografia Cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.